

O PROVEITO DO TRABALHO HUMANO

Haroldo Reimer

O livro de Eclesiastes tem um refrão, que, ao lado das bonitas sobre o tempo, parece ser o conteúdo mais conhecido deste livro bíblico. Trata-se da expressão: “vaidade das vaidades. Tudo é vaidade”. Esse refrão constitui como que uma moldura e uma estrutura dentro de todo o livro de Eclesiastes, também chamado de Coélet a partir do título original hebraico.

No texto original hebraico, essa ‘vaidade’ tem o nome de *hébel*. É uma palavra que perpassa todo o livro, especialmente na moldura externa de todo texto (1,2; 12,8). Mas aparece também em várias outras partes do livro, ocorrendo 29 vezes. A adequada compreensão do termo *hebel* constitui, sem dúvida, uma chave de leitura de todo este livro bíblico. O termo hebraico *hebel* significa simplesmente ‘vazio’, ‘nada’, ‘sopro’. Um sentido mais exato do termo depende do contexto, mas sempre expressa a idéia ampla de ‘passageiro’, ‘fugacidade’, ‘inutilidade’, ‘absurdo’. A biblista mexicana Elsa Tamez, hoje trabalhando na Costa Rica, afirma que se pode entender o termo também em um sentido mais trivial como ‘porcaria’ ou ‘merda’. Tal acepção seria indicativa de uma inversão generalizada nas relações sociais. A vida é um vazio; é uma merda, seria o refrão típico do autor deste livro. Essa é a avaliação geral e negativa que Eclesiastes tem da vida do seu tempo.

É importante a gente se dar conta de que o termo ‘vaidade’, em português, não significa uma preocupação com a estética, como o expressa o senso-comum, dizendo: “ah, ela é cheia de vaidades!” O termo ‘vaidade’ em português provém do latim *vanitas*, expressando o sentido básico de ‘em vão’. O superlativo do termo feito por Coélet ou Eclesiastes na expressão *habel habelim* (= “vaidade das vaidades”) indica o grau de absurdidade percebido no contexto vivido. A realidade é um ‘vazio de vazios’, um ‘em vão de envões’, uma ‘névoa de nadas’, etc. O termo *hebel* bem como a expressão estereotipada “e tudo é um correr atrás do vento” (1,14.17; 2,26) indicam para uma avaliação crítica negativa da realidade.

Além da moldura e do versículo temático com a expressão *hebel*, é importante destacar a pergunta-chave em Ec 1,3 e que, com leves modificações, se repete em 2,22 e 3,9: “Qual é o lucro (*yitron*) para o ser humano em todo o seu trabalho (*amal*) com que se afadiga debaixo do sol?” Alguns termos merecem atenção nesta pergunta programática.

O primeiro é o conceito *amal*, traduzido aqui por ‘trabalho’. É um termo que do total de 75 usos na Bíblia hebraica, 35 aparecem em Coélet. Não é conceito usual para trabalho, designando aqui muito mais o trabalho escravizante, que provoca fadiga naquelas pessoas que o realizam. Poderia ser traduzido de forma mais trivial por ‘trabalheira’ ou ‘ralação’. De qualquer forma, expressa a intensa atividade laborial ou comercial que, por sua dinâmica e complexa estruturação, não permite ver os resultados da atividade investida.

Em estreita ligação com *amal* vem o termo hebraico *yitron*, traduzido aqui por ‘lucro’ e que literalmente significa ‘aquilo que sobra’, o ‘resto’ ou o ‘proveito’. É um termo derivado da raiz hebraica *yatar*, que significa ‘deixar para trás’, ‘fazer sobrar’, ‘deixar escapar’. Também este termo está concentrado em

Eclesiastes com 18 ocorrências. O termo pode se referir ao âmbito das transações comerciais, indicando, assim, o lucro deste tipo de atividade para quem as realiza. Em Coélet, porém, este termo da tradição comercial é utilizado para fazer a pergunta filosófica fundamental: “o que é que realmente resta ao ser humano de toda sua trabalhadeira debaixo do sol?”. Neste sentido poderia ser entendido de forma mais ampla e não somente restrito ao âmbito das relações econômicas. Coélet pergunta pelo verdadeiro ‘proveito’ de uma vida com muita ‘ralação’ debaixo daquele sistema de trabalho escravizante. A pergunta pelo ‘proveito’ é, no fundo, uma pergunta pela possibilidade de sentido e qualidade de vida.

O termo *adam*, traduzido por “homem” tem aqui provavelmente uma conotação no sentido de ‘gênero humano’. Uma restrição possível seria entender o termo também como designativo do ser humano dominante, talvez o rei. Isso poderia ser sustentado pelos trechos iniciais em que Coélet se tranveste de rei (Ec 1,12-2,11), para, com essa ficção, mostrar a fugacidade e a falta de sentido de tal empreendimento. Também a expressão ‘debaixo do sol’ é significativa; pode indicar de forma geral a dimensão cosmológica, isto é o sol natural, mas também pode ser entendida como referência velada ao sistema de dominação dos gregos a partir do Egito, no qual os governantes portam no estandarte o sol como símbolo do seu poder. Cabe lembrar que o livro d Eclesiastes muito provavelmente surgiu no século III a.C. (entre 250 e 190 a .C.), durante o período da dominação dos ptolomeus, um dos grupos herdeiros do império de Alexandre, o grande.

Na ótica do autor de Coélet, a possibilidade de bem-estar e cuidado com a vida perdia a batalha contra a velocidade econômica da tecnocracia helenista. Na ótica do mundo do trabalho dos dominados, segundo a percepção de Coélet, não havia muitas saídas e alternativas viáveis. Os horizontes pareciam estar fechados, sem abertura de esperança para o futuro e sem muita lembrança do passado.

Originalmente publicado em:

REIMER, Haroldo (org.). *Eclesiastes*. A sabedoria do viver e conviver. São Leopoldo: Cebi, 2006, p. 13-15.